

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
RECORDAR LEILA DINIZ
15 de setembro de 2022

JÁ QUE NINGUÉM ME TIRA PARA DANÇAR / 2021

um filme de Ana Maria Magalhães

Realização, argumento, texto e locução: Ana Maria Magalhães / **Fotografia:** Jacques Cheuiche (material filmado em 1982: José Guerra) / **Som:** Vânius Marques (material gravado em 1982: Jorge Saldanha) / **Montagem:** Paula Sancier / **Música:** Fernando Moura / **Restauração de Imagens de Vídeo:** Fábio Fraccarolli / **Pesquisa:** Garimpo/Rita Marques, Ana Maria Magalhães / **Depoimentos:** Albino Pinheiro, Betty Faria, Carlos Leite, Chico Nelson, Claudio Marzo, Domingos de Oliveira, Eli Diniz, Hugo Carvana, José Carlos De Oliveira, Luciana De Moraes, Luiz Carlos Lacerda, Luiz Eduardo Prado, Marcelo Cerqueira, Marieta Severo, Maria Gladys, Martha Alencar, Nelson Sargento, Nelson Pereira dos Santos, Paulo Cezar Saraceni, Paulo José, Tarso De Castro / **Interpretação:** Lídia Brondi, Louise Cardoso e Ligia Diniz como Leila / **Participação Especial:** Nina de Pádua, Antonio Pitanga, Lita Cerqueira, Neném, Cristina Aché, Beatriz Moura Costa, Pardal, Juanita Dias Costa, Gilda Guilhon, Daniela, Luiz Sergio Lima e Silva / **Locução depoimento Chico Nelson:** Hugo Carvana.

Produção: Nova Era Produções (Brasil), Metrôpoles (Brasil) / **Produtores:** Ana Maria Magalhães, Lino Meireles / **Cópia:** DCP, cor, 91 minutos, versão original com legendas em inglês / **Estreia Mundial:** 28 de outubro de 2021 (Festival Internacional de São Paulo) / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Com a presença de Ana Maria Magalhães

Dez anos após o desaparecimento de Leila fui convidada a dirigir um documentário sobre ela, a minha melhor amiga. Relutei porque não tinha o distanciamento necessário. Por outro lado, tinha consciência da importância de transmitir o legado de Leila, sabia que seus amigos poderiam expor cada uma de suas facetas, e aceitei a missão porque eu conhecia muito bem o seu modo de pensar, agir e se relacionar. E até aqui, este é o único documentário que existe sobre ela. Os depoimentos foram colhidos quando a lembrança de Leila ainda estava fresca na memória dos diretores de cinema, atores, jornalistas e familiares. Entretanto, assim que iniciamos as filmagens o Centro Cultural Cândido Mendes, que idealizou o projeto para ser exibido na Mostra "Leila Diniz – Dez anos depois", desistiu de produzi-lo porque o seu plano de investimento não funcionou como esperava. Havia apenas um investidor: a atriz Sonia Braga. Mas as filmagens iam bem e eu decidi produzi-lo com meus próprios recursos. A instituição concordou em nos repassar o saldo do valor do investimento que obtivera. Contei com a ajuda de Walter Salles, que emprestou a câmera para o fotógrafo José Guerra – o Guerrinha, e de Marcelo Machado e Fernando Meirelles, que montaram o documentário em sua produtora "Olhar Eletrônico", em São Paulo. O filme mostra o modo de ser e viver dos artistas e das jovens brasileiras nos anos 60, plenos de entusiasmo e ingenuidade. As novas gerações não sabem quem foi Leila, atriz que valorizou a verdade, a liberdade e o amor, porque acreditava que as pessoas podem realizar as suas melhores potencialidades e não as piores. O Brasil vive hoje tamanho retrocesso em relação às liberdades femininas, que as mulheres têm saído às ruas das principais cidades para

protestar. E não é um *revival* dos anos 60. Mas a assombrosa perspectiva do fundamentalismo evangélico dos anos 2000, com o apoio de setores do Congresso e de parte da sociedade brasileira. Leila esteve à frente das mudanças sociais do seu tempo e a preservação de sua memória e divulgação de seu pensamento e ações são fundamentais para a manutenção dos avanços que fizemos graças a ela, uma atriz de cinema.

Ana Maria Magalhães